

GLOBAL: REPRODUÇÃO DO CAPITAL E ESPOLIAÇÃO

Paulo Cesar Xavier Pereira e Guilherme Moreira Petrella

Esta parte do livro busca dar ênfase à dimensão *global* da análise da produção do espaço contemporâneo. Compreender a histórica articulação que a produção imediata, particularmente, ao nível do imobiliário, estabelece com a mais-valia social e o circuito mundial da acumulação de capital, que implica em pensar a novidade da produção global do espaço. Ela é uma articulação em que as próprias formas técnicas e meios de produção do espaço e do valor se redefinem, se equalizam, se homogeneízam em termos de meios do trabalho necessário, do lucro e, também, do capital que permitem diferenciar as desigualdades das formas predominantes e dominantes da acumulação. Na teoria do valor está claro que para a acumulação o essencial é a produção do mais-valor, que ocorre com a exploração da força de trabalho. Disso decorre que a análise, na perspectiva da produção do espaço e do reconhecimento da especificidade contemporânea do imobiliário e do capital fictício na reprodução global do capital, passa a ser necessário expandir esta noção a fim de dar conta desses fenômenos. Neste contexto, *reprodução* e *espoliação* passam a ser momentos privilegiados para a compreensão do papel da propriedade da terra na produção imobiliária e sua relação com a circulação financeira. A *espoliação* se releva pelos processos novos que capturam valor da mais valia social global.

Os três capítulos aqui reunidos buscam enfatizar na produção global do espaço a articulação do planejamento com a produção imobiliária, como força que simultaneamente homogeneíza o espaço e diferencia o uso da cidade, por isso destacam os processos espoliativos, as operações urbanas, o zoneamento, e a destruição da natureza. A suposição é de que houve uma reestruturação em que a urbanização industrial perde relevância e ganham relevo novos processos espoliativos que levam a destruição a natureza e colocam em risco a vida, tendo em vista a emergência de um metabolismo imobiliário-financeiro. O conflito social é ampliado pelo avanço deste novo metabolismo, impactando espaços vulneráveis e contextos em que emergem novas formas socioespaciais de reprodução da vida.

O primeiro, “Do zoneamento às operações urbanas consorciadas: Planejamento Urbano e Produção Imobiliária na mercantilização do espaço em São Paulo (1970-2017)”, de Maria Beatriz Cruz Rufino, tem como objetivo aprofundar a compreensão da relação entre Planejamento Urbano e Produção Imobiliária, como parte do processo de crescente mercantilização e privatização da produção do espaço. Sua hipótese é que articulado ao crescente papel da propriedade imobiliária na acumulação de

capital, o Planejamento Urbano potencializará a diferenciação espacial, a produção das desigualdades e a mercantilização da cidade. O segundo, “Produção da habitação e espoliação na metrópole de São Paulo (1970-2010)”, de Lucia Shimbo, desenvolve o argumento de que houve uma reestruturação das formas de espoliação: além da espoliação urbana, que ainda pode persistir, há agora a espoliação imobiliária-financeira que se refere à presença encarecida das mercadorias habitação, infraestrutura e serviços urbanos nas cidades. Nessas quatro décadas teria se aprofundado a precarização não tão somente pela exploração, mas sobretudo pela espoliação fundada no acesso à propriedade. Por fim, o terceiro, “O lugar da natureza na produção do espaço metropolitano: do metabolismo urbano industrial para o imobiliário financeiro”, de Luciana Nicolau Ferrara, busca-se evidenciar a necessidade de considerar a capitalização da propriedade da natureza como parte da instrumentalização do espaço, ou seja, para a produção e reprodução imobiliária e de infraestruturas, no metabolismo imobiliário-financeiro.